

Tecnologia & Gestão

TERÇA-FEIRA, 26 DE JUNHO DE 2012 | Nº 14

INTERNET

O que fazem os mais velhos em "online"

Um estudo recente da Forrester chegou à conclusão que 60 por cento dos seniores (pessoas com mais de 65 anos) dos Estados Unidos estão online, representando uma população superior a 20 milhões de pessoas. Os hábitos dos seniores são diferentes dos das gerações mais novas. Por exemplo, têm menos equipamentos e estão menos tempo online, mas utilizam a Internet e a tecnologia para comunicarem com a família e os amigos.

Uma percentagem de 46 por cento dos seniores dos Estados Unidos enviam e recebem fotografias por email e cerca de metade (49 por cento) têm uma conta no Facebook.

Mais impressionante ainda é o facto de 91 por cento dos seniores utilizarem o correio electrónico e 59 por cento terem comprado produtos online nos últimos três meses.

Muitas empresas não olham para os seniores como alvo das suas campanhas digitais porque são menos activos na Web e é menos provável que tenham um smartphone ou um tablet do que as gerações mais novas. No entanto, esta população tem algumas vantagens sobre os mais novos. Por exemplo, engloba mais indivíduos, dado que se regista um envelhecimento da população na quase generalidade dos países desenvolvidos.

Por outro lado, de uma forma geral, têm mais dinheiro para gastar do que os mais novos. Há ainda a ter em conta que são mais leais às marcas do que as gerações mais novas.



Nos Estados Unidos 91 por cento dos seniores utilizam o correio electrónico e 59 por cento compraram produtos online nos últimos três meses.

GESTÃO OPTIMIZADA

Vantagens dos serviços baseados na localização

As tecnologias de comunicação móvel e a Internet continuam a revolucionar todo o conceito de comunicação e, consequentemente, o nosso modo de vida e a dinâmica de troca e partilha de informação. Se pensarmos na evolução que os telemóveis sofreram nos últimos 20 anos, compreendemos facilmente que estamos a viver o auge da mobilidade das telecomunicações.

O mercado de dispositivos móveis continua a crescer, sendo que cada vez mais a tendência do consumidor recai nos smartphones e tablets. A concorrência deste mercado é igualmente feroz e não há um sistema operativo dominador, como o Windows no universo dos computadores. Existem vários sistemas operativos, mas os mais representativos são sem dúvida o iOS da Apple, o Android da Google, o RIM da Blackberry e o Windows-phone da Microsoft.

Este facto despoletou o surgimento de novos serviços e produtos que diariamente proliferam e satisfazem necessidades informativas e imediatas de todos os utiliza-

dores. Estes serviços são disponibilizados através de aplicações ou interfaces cujos downloads não necessitam de passar pelos PCs (computadores pessoais), nem tão pouco por pontos fixos de acesso à Internet. Este panorama tecnológico está disponível onde quer que estejamos e sempre que quisermos. Desde que tenhamos Internet e um equipamento compatível, estamos "ligados" a todo o mundo. Esta é a verdadeira mobilidade!

Os SBL (serviços baseados na localização) permitem a qualquer utilizador obter informação sobre actividades culturais, restaurantes, bares, discotecas, museus, hospitais, farmácias... Enfim, praticamente tudo o que quiser!

Considere-se o exemplo de quem pretende jantar num restaurante num raio de 500 metros desde a localização onde se encontra. Além de perguntar a alguém, o normal seria pesquisar na Internet. Porém os resultados que se obtêm são dispersos e massivos, e por vezes não passam de meros apontamentos publicitários, sem passarem a



Trilogia potenciadora dos serviços baseados na localização: sistemas de informação, Internet e comunicações móveis.

mensagem chave. Por exemplo, a especialidade da casa.

Ora, se restringir os critérios de pesquisa em função do que pretende, a informação será como que filtrada e adaptada ao que definiu. Por exemplo, o restaurante tem de

ser na cidade X ou num raio de Y metros do local onde o utilizador está (posição), o tempo real (noite), ou o tipo de restaurante (cozinha caseira), com vários métodos de pagamento (dinheiro, cartão de débito/crédito).

PAG. 30

UNIVERSIDADE DIGITAL

Educação à distância e qualidade de vida

Vivemos numa era a que chamamos digital, em que a comunicação se caracteriza pelo seu extremo dinamismo e na qual o conhecimento e a educação são elementos em constante valorização. Estamos na época da revolução tecnológica veiculada pela Internet das coisas, em que se perspectiva a criação de um sistema global de registo de bens que permita ligar os objectos do mundo de um modo sensorial e inteligente.

Convivemos diariamente com computadores pessoais, tablets e smartphones que nos permitem realizar uma panóplia de operações tendentes a facilitar-nos as tarefas quotidianas e a fazer-nos ganhar

tempo (e todos sabemos o que o tempo representa!). O que anteriormente eram objectos estranhos, vindos de um futuro desconhecido, são hoje ferramentas familiares e essenciais na nossa vida pessoal e profissional. Por outras palavras, começámos a perceber que o que parecia utopia revela-se, afinal, realizável. O que há algum tempo julgávamos inatingível, na verdade poderá estar ao nosso alcance.

Para o escritor e filósofo Emil Cioran "esperar é desmentir o futuro". Ora, longe de desmentir o futuro, é tempo de "afirmá-lo". É o que faz a educação a distância. Já o vamos perceber mais adiante neste texto.

PAG. 31



Independentemente de estarmos na era das possibilidades, da ubiquidade, do instantâneo ou da mobilidade, o importante é que esta seja a sua era. É tempo de afirmar o futuro; o seu futuro!

GESTÃO OPTIMIZADA

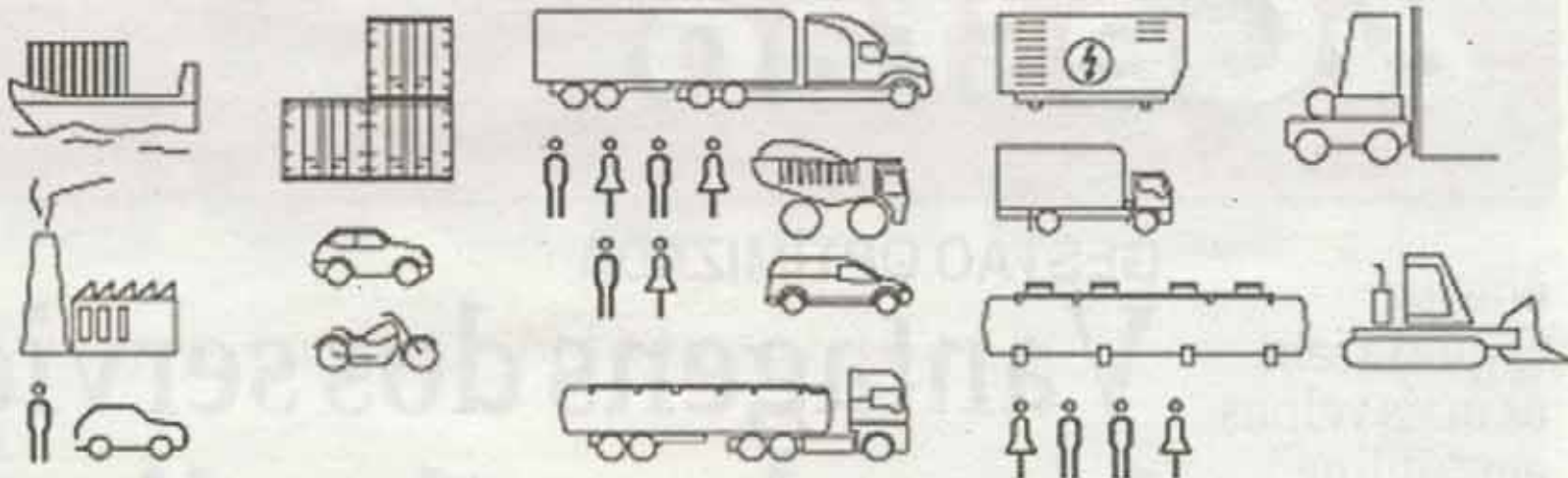
Vantagens dos serviços baseados na localização

NUNO FERNANDES

Resumindo, os SBL são serviços de informação acessíveis a partir de dispositivos móveis e através de uma rede móvel, que utilizam a localização para retirar e gerar informação variada de acordo com critérios definidos. É sem dúvida uma ferramenta poderosa à disposição de todos nós.

Mas além da esfera pessoal, é também possível obter grandes benefícios para as empresas ou administrações de serviços públicos através destes serviços ou produtos. Imagine a gestão da sua empresa integrada com todo o tipo de informação em tempo real e onde quer que esteja, através de um dispositivo móvel com acesso à Internet. Não é apenas o tempo que ganha em tomadas de decisão, que muitas vezes estão pressionadas pela variável "tempo", mas também os recursos financeiros que pode poupar, obtendo uma rentabilidade e níveis de qualidade superior, transversais a toda a estrutura de qualquer empresa ou serviço público.

Quanto gestores se questionam diariamente sobre a localização das suas frotas, ou sobre o perfil de condução nas mesmas? Sem controlo, os abusos são comuns e os gastos de combustível ou degradação das viaturas são maiores. E a monitorização, num determinado momento, das equipas de trabalho, ou saber o estado evolutivo das tarefas atribuídas? Podemos ainda



Tudo (ou praticamente tudo) é gerível através dos SBL, desde as frotas, às pessoas, passando pelos activos mais diversos.

referir a importância de aferir se uma equipa de vendas cumpre as suas visitas conforme estipulado pelo seu responsável, ou de saber se as equipas de assistência técnica cumprem com as suas ordens de trabalho.

Uma empresa de distribuição também terá toda a vantagem em saber ao longo do dia se os seus estafetas entregaram ou recolheram todas as encomendas programadas nos seus clientes? Se não, qual o motivo? Agora imagine que está numa determinada província e quer saber a localização dos seus activos em utilização no território angolano, sejam geradores ou depósitos de combustível. Esta informação em tempo real interessa às

empresas? Os gestores ou responsáveis de equipas, beneficiam com esta recolha de dados?

Actualmente os smartphones e os tablets agregam tecnologias móveis cada vez mais inovadoras e continuam a surpreender os utilizadores. São ferramentas de trabalho indissociáveis da nossa eficácia e eficiência, pois coadjuvam num desempenho ao mais alto nível. Basta que saibamos explorar as suas capacidades ao máximo, juntamente com as aplicações ou interfaces dos produtos ou serviços disponíveis.

Se a um bom equipamento móvel (hardware) associarmos um produto ou serviço (software) de gestão, localização e optimização dos re-

ursos da sua empresa em tempo real, então adquire todo o potencial de mobilidade.

A opção de escolha das ofertas disponíveis no mercado, deverá incidir em aplicações ou interfaces intuitivas, fiáveis e cujas actualizações dos mesmos sejam regulares por quem as desenvolveu, pois só desta forma será possível garantir um serviço de qualidade aos utilizadores.

Os serviços baseados na localização reúnem o "melhor de dois mundos", pois permitem obter informações úteis a nível pessoal, mas essencialmente retirar grandes benefícios a nível profissional. Agora é possível localizar, supervisionar e proteger os vários recursos da sua empresa em tempo real.

Não se trata de gerir uma empresa à distância, mas antes, quando e de onde quiser. Esta possibilidade confere a qualquer gestor a tão desejada e útil mobilidade que outrora era praticamente impossível.

A agressividade e a exigência dos mercados não permitem desleixos na hora de investir nestas tecnologias. Estas são fundamen-

tais para o crescimento e performance das empresas, devido às funcionalidades de recolha e análise de dados, por vezes extensas e complexas, apresentando-os de forma simples e de fácil interpretação sob a forma de relatórios diários, semanais, mensais, ou então pela visualização em tempo real dos recursos monitorizados.

É também possível verificar em detalhe os percursos ou tarefas dos activos, recorrendo ao histórico confidencialmente guardado nos servidores do prestador de serviços. É importante adjudicar estes serviços, a empresas que assegurem contratualmente a protecção do seu investimento.

Não basta avaliar o valor das propostas. É necessário avaliar a qualidade global de quem desenvolve este tipo de serviços ou produtos e se propõe a ser um parceiro destinado a apoiar a gestão de frotas, equipas no terreno ou equipamentos. Só desta forma será possível uma empresa focar-se no seu core business, reduzindo custos e aumentando a produtividade dos seus recursos.



App Store



Um equipamento móvel tipo smartphone e uma boa solução de software permitem uma gestão eficiente com todas as vantagens da mobilidade.

Microsoft imita estratégia da Apple

No passado dia 18 de Junho a Microsoft anunciou a sua entrada no mundo do hardware com o anúncio de dois tablets. De uma só assentada passou a concorrer com o iPad da Apple e com fabricantes de portáteis. Os novos equipamentos dão pelo nome de Surface e com eles a Microsoft parece querer seguir uma estratégia próxima da seguida pela Apple, comercializando hardware e software.

Um dos modelos Surface insere-se no mundo dos tablets e o outro pretende posicionar-se mais no mercado dos computadores portáteis. Numa outra imitação da estratégia da Apple, a Microsoft terá uma loja de aplicações para Windows 8, designada por Windows Store.

Para as empresas, esta poderá ser uma boa novidade, já que poderão utilizar o Windows 8 em

todas as plataformas. Por outro lado, normalmente a existência de maior concorrência significa a prazo preços mais baixos (nesse caso, para os tablets). Mas há quem divida da supremacia da Microsoft nos tablets, pelo menos a curto prazo, baseando-se na ideia de que a empresa talvez já venha ligeiramente atrasada. O mercado já tem os seus líderes estabelecidos nos tablets e a Microsoft será mais um fornecedor. Tudo vai depender de como o grande consumo (particulares) irá reagir.

A Acer, um dos principais fabricantes de computadores pessoais e parceira da Microsoft, já veio dizer que não acredita no sucesso da Microsoft no mercado do hardware, o que à partida poderá indicar algum desconforto latente face à estratégia adoptada.

UNIVERSIDADE DIGITAL

Educação à distância e qualidade de vida

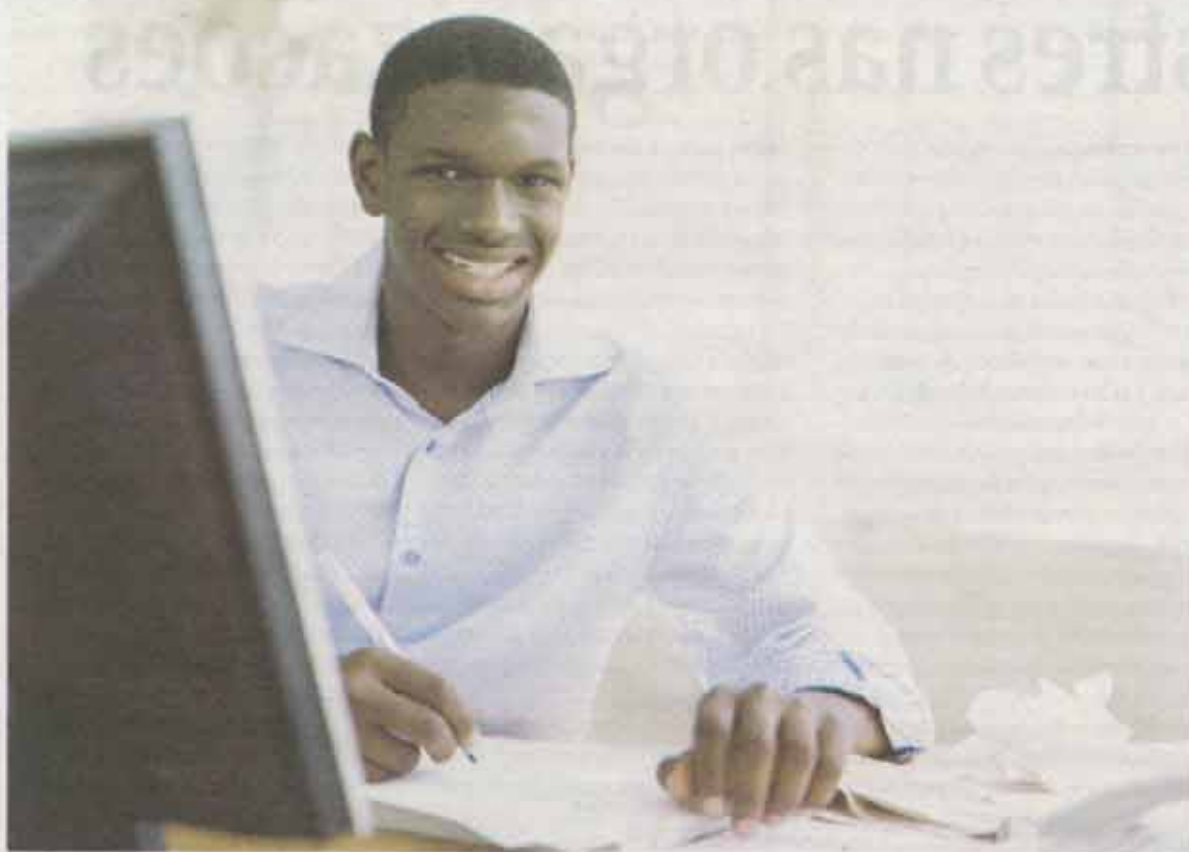
JOSÉ MAURÍCIO

Antes vamos perceber de que forma, por vezes, "o futuro é desmentido" num certo contexto conservador e clássico. Assim, nesse contexto, quando nos deparávamos com vários problemas no horizonte, era vulgar ouvirmos coisas como "uma forma de resolvermos os muitos problemas que temos em mão é procurar solucionar um de cada vez, mas mesmo assim talvez não seja possível".

Vejamos outro exemplo: quando necessitávamos, quer por motivos profissionais, quer por motivos pessoais, de estar em vários sítios ao mesmo tempo, costumávamos ouvir palavras do tipo "não é possível estar em dois sítios diferentes ao mesmo tempo, vai-se a um de cada vez". Prosseguindo na mesma senda, dentro desse contexto clássico, quando precisávamos de encontrar algo rapidamente, não era invulgar depararmo-nos com barreiras intransponíveis que, trocadas por palavras, resultavam em qualquer coisa como "lamentamos muito, mas este é um processo algo burocrático, formal e lento na obtenção de respostas".

Para finalizar o raciocínio, quando necessitávamos de algo a horas que a sociedade não considerava serem adequadas, não era invulgar esbarrarmos com afirmações tais como "está encerrado aos sábados, domingos e feriados" ou "já é tarde, já fechou, agora só amanhã".

Esta visão clássica e conservadora corresponde, aos olhos dos nossos dias, a uma visão algo retrógrada e de negação de uma certa qualidade de vida que devemos reivindicar para nós próprios. Assumindo como pressuposto que a



Vivemos numa era a que chamamos digital, em que a comunicação se caracteriza pelo seu extremo dinamismo e na qual o conhecimento e a educação são elementos em constante valorização.

tecnologia, e em particular a Internet, estão presentes em tudo o que nos rodeia e que dão boa resposta às actuais necessidades, há que aproveitar ao máximo o seu contributo, na tentativa de reavermos essa "qualidade de vida perdida".

Assim, no contexto actual, de forma a fazer justiça ao futuro, optando por "afirmá-lo" em detrimento de "desmenti-lo" (tal como dizia Emil Cioran), é tempo de transformar aquelas "coisas" que se ouviam em algo completamente diferente. É tempo de procurarmos

respostas que se adequem a nós e que respondam às nossas perguntas e não às dos outros. É altura de "deixarmos de esperar", de "ajustarmos a Internet à nossa medida" e de a utilizarmos em nosso proveito.

Mas de que forma, perguntará o leitor? Bem, como resposta a essa pergunta podemos começar por procurar tirar partido dos problemas e deixarmos de os ver como algo intransponível. Estes devem ser encarados como oportunidades. Como tal, o enfoque deve ser aproveitá-los como ponto de partida para a construção de algo positivo e que nos seja benéfico. Não nos devemos esquecer que vivemos na era das possibilidades.

Se aplicarmos esta ideia à questão da educação e da aprendizagem, mais concretamente às possibilidades que a educação a distância, com o auxílio da tecnologia, nos oferece, chegaremos facilmente à conclusão de que a aprendizagem e as questões de tempo, local e disponibilidade para adquirir conhecimentos deixam de representar um problema a resolver no meio de muitos. A tecnologia e a educação a distância transformaram esse problema numa oportunidade. Mas para ilustrarmos essa ideia, vejamos as oportunidades que se prefiguram no horizonte.

Porque não estudar em casa ao mesmo tempo que se disfruta do privilégio de estar com a família? É possível cumprir um percurso de aprendizagem desejado e ajustado às nossas necessidades no recato do lar ou em qualquer outro local, e fazê-lo à hora que nos for mais conveniente. É possível ter o mundo dentro de um tablet e utilizá-lo para melhorarmos a nossa qualidade de vida, reduzirmos os níveis de stress, passarmos mais tempo, com aqueles que nos são caros e, mesmo assim, tirar um curso.

Tal não basta? Continuemos então com a resposta à nossa pergunta. Já vimos que devemos encarar os problemas como oportunidades e que para tal podemos contar com a preciosa ajuda da tecnologia. No entanto, também é importante percebermos que, para além de vivermos na era das possibilidades, habitamos a era da ubiquidade. Não é necessário vermos um filme de ficção científica para que o conceito de "estar presente em toda a parte ao mesmo tempo" ganhe sentido.

Hoje é possível aceder em simultâneo a diversas bibliotecas de conteúdos com origem em locais distintos, e assim potenciarmos a nossa aprendizagem de uma forma que anteriormente julgávamos ser impossível. Podemos facilmente fazer "essa viagem" através de um qualquer computador pessoal ou tablet, sem que para tal nos tenhamos de desdobrar em esforços desumanos.

Continuando no contexto educativo e aproveitando as potencialidades desta era da ubiquidade, porque não explorar as diferentes perspectivas e visões de autores consagrados e fazedores de opinião oriundos de diferentes regiões do globo, confrontando-as? Porque não construir argumentos que reforcem os trabalhos em que estamos envolvidos no âmbito de um curso que estejamos a tirar? Porque não enriquecer um trabalho escolar tirando partido das opiniões de colegas localizados em diferentes pontos do país ou até mesmo do mundo?

Através da forma tradicional e conservadora de relacionamento, tal constituiria uma impossibilidade, mas no presente está claramente ao nosso alcance. Imagine que, tendo dúvidas sobre a relevância de um qualquer tema do seu interesse, obtém comentários que o ajudam na clarificação das suas dúvidas... Não é necessário imagi-

nar. Tudo isto é real! Simultaneamente à era das possibilidades e da ubiquidade, esta é a era do instantâneo e do já. Isto significa que é possível obter de forma quase imediata um sem número de informação relevante para reforçar a nossa aprendizagem.

Tal constitui uma vantagem invulgar em comparação com as práticas e os meios disponíveis até há bem pouco tempo. Pois é, pode começar a imaginar onde pode aplicar o tempo que sobra. Ele agora é seu! Porque não utilizá-lo em actividades lúdicas e de lazer com os seus familiares e amigos?

Mas prossigamos na nossa linha de reflexão. O ensino segundo um modelo clássico e conservador é eminentemente presencial, acontece tipicamente entre segunda e sexta-feira, e ocorre em horários específicos e naturalmente rígidos.

Tais características revelam-se cada vez menos atractivas e constituem uma barreira adicional à massificação da aprendizagem. Vivemos na era da mobilidade total e a educação a distância faz-lhe jus. Porque não usar a prerrogativa de que quem manda no seu tempo e determina quando e onde estudar é você, sem que para tal tenha de se deslocar à universidade naqueles dias e horários predeterminados? A partir de agora poderá estudar em qualquer local, a qualquer hora e no ambiente que mais desejar.

Os argumentos a favor da "afirmação do futuro" ainda não são suficientes? Ok, continuemos. Actualmente existe uma torrente imparável que contagia jovens e também menos jovens. Essa torrente é alicerçada em redes de relacionamento que possibilitam o intercâmbio e disseminação de experiências e de conhecimento, fazendo uso da tecnologia e, em particular, de dispositivos móveis que permitem estar ininterruptamente contactável.

Tendo em conta, por um lado, o tipo de "aprendizagem" que as camadas jovens da população procuram e, por outro, os meios e os instrumentos que estas camadas usam e dos quais já não prescindem, como são exemplo os smartphones e os tablets, as universidades não podem continuar a fechar os olhos e a ignorar esta realidade.

É neste contexto que se justifica cada vez mais a existência do ensino a distância em moldes que correspondam às expectativas acima descritas e que constituam mais uma peça para a construção do "ego" e da imagem do estudante como "ser social". Esta é a era do lifestyle digital, e a educação a distância respeita-a em absoluto.

Afinal, porque continua ainda distraído? Na essência, tudo se resume a uma mudança de atitude em prol de uma melhoria da sua qualidade de vida. Independentemente de estarmos na era das possibilidades, da ubiquidade, do instantâneo ou da mobilidade, o importante é que esta seja a sua era. É tempo de afirmar o futuro; o seu futuro!



Tudo se resume a uma mudança de atitude em prol de uma melhoria da sua qualidade de vida.

ÁREAS DE NEGÓCIO

Os planos para a recuperação de desastres nas organizações



Alfredo Carima.

ALFREDO CARIMA

Os níveis de competitividade a que as empresas estão hoje submetidas obrigam-nas a adoptar um conjunto de medidas que permitam a "permanência nesta corrida" e, mais do que isso, possam garantir que a mesma "corrida" seja ganha. Nesta perspectiva existem os "planos de continuidade de negócio", ou business continuity plan (BCP).

O principal objectivo de um plano de continuidade de negócio é garantir que existam linhas de acção que permitam a continuidade do negócio e que tal continuidade seja feita de forma correcta e com garantias de melhoria na facturação, diminuição dos custos e aumento dos lucros.

Os planos de continuidade de negócios podem ser classificados em dois tipos. Os planos de continuidade das áreas de negócios e os planos de recuperação de desastres (DRP – disaster recovery plan) do centro de processamento de dados.

Existem correntes de opinião, às quais me junto, que defendem ser o plano de recuperação de dados mais importante do que o plano de continuidade de negócio, pois afigura-se mais importante planificar

o processo de recuperação de dados de uma empresa, na eventualidade de um desastre ou catástrofe, seguindo-se então a planificação da continuidade do negócio.

Por essa razão, as empresas investem em planos de recuperação de desastre e não em planos de continuidade nas suas áreas de negócio. Talvez as excepções sejam as instituições financeiras, que são mais sensíveis às paralisações de negócio motivadas por greves e falhas de energia.

O objectivo preliminar de um plano de recuperação de desastre é permitir que uma organização sobreviva a um desastre e que possa restabelecer as operações do seu negócio. Para sobreviverem, as empresas devem assegurar que as suas operações críticas possam recommençar o processamento normal dentro de um espaço de tempo razoável. Para atingir esses objectivos o plano de recuperação de desastre deve atender os seguintes requisitos:

- Prover um ambiente seguro e pessoas preparadas para um desastre;
- Reduzir as perdas financeiras em caso de desastre;
- Identificar as linhas de negócio críticas que requeiram suporte em situações de desastre;
- Identificar as fraquezas e executar um programa da prevenção de desastre;
- Minimizar a duração de uma paralisação das operações de negócio;
- Facilitar a coordenação eficaz das tarefas de recuperação;
- Reduzir a complexidade do esforço de recuperação.

O desenvolvimento de um plano de recuperação de desastre envolve a criação de uma "planta de recuperação" para restaurar os recursos computacionais com as funções vitais de processamento de

dados para atender às necessidades do negócio da empresa. O plano deve procurar restabelecer o ambiente de processamento no menor tempo possível, a fim de evitar um efeito catastrófico no negócio.

O desenvolvimento de uma estratégia viável de recuperação não deve ser uma iniciativa exclusiva da área de processamento de dados, mas de toda a organização para proteger os interesses da empresa. Ou seja, a estratégia a adoptar pelo plano de recuperação de dados deve ser uma estratégia global da empresa e não uma estratégia única e exclusivamente das áreas de informática, como erradamente se poderá entender.

Para se conseguir esse objectivo deve ser adoptada uma metodologia que enfatize os seguintes pontos chave:

- Fornecer à administração ou

direcção da empresa uma compreensão detalhada do esforço total requerido para forjar e manter uma planta de recuperação eficaz;

- Obter o compromisso da administração ou direcção apropriado para suportar e participar no esforço de recuperação;

- Definir as exigências de recuperação na perspectiva do negócio;

- Documentar o impacto de uma perda prolongada nas operações e no negócio;

- Seleccionar as equipas do plano de recuperação de desastres para testes, para actualizar e para assegurar uma execução eficaz do plano;

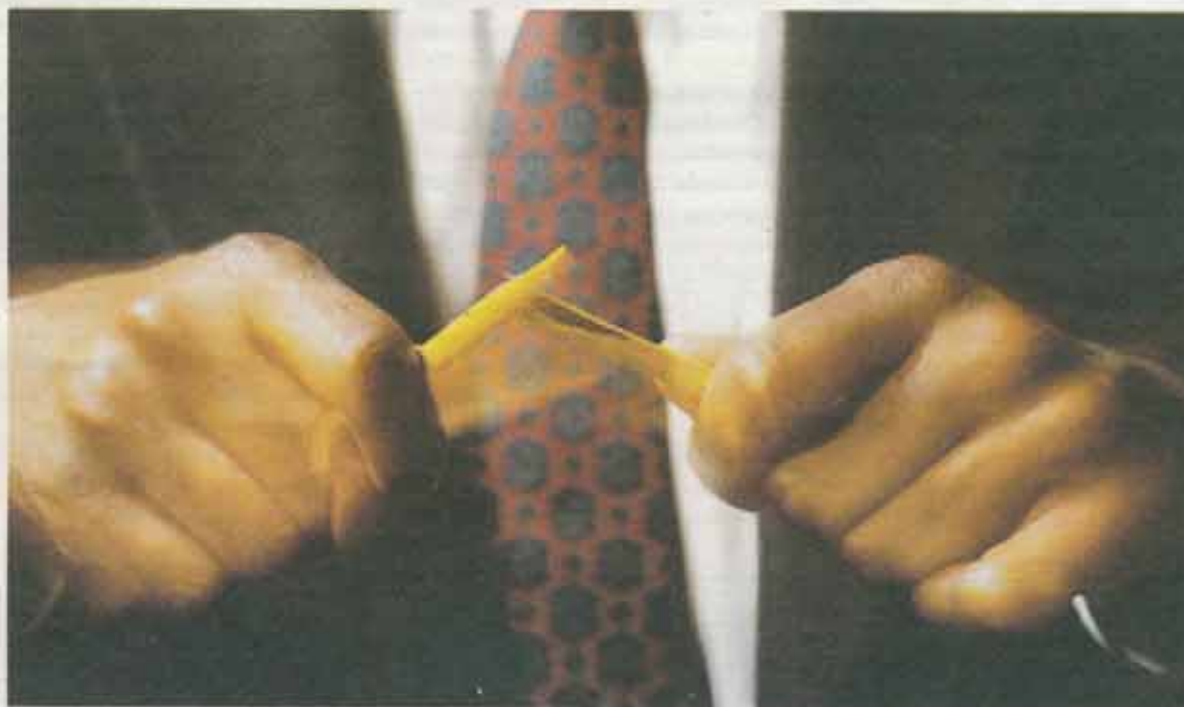
- Desenvolver uma "planta de recuperação" que seja compreensível, fácil de usar e de manter;

- Definir a forma como as premissas do plano de recuperação de desastres devem ser integradas nos processos de negócio para uma re-

cuperação no tempo necessário, de modo a não haver ruptura nos processos de negócio. Um bom plano de recuperação de desastre pode ser comparado a uma boa apólice de seguro de todos os dados de uma organização ou empresa.

O plano de recuperação de desastres é composto por cenários e procedimentos que deverão ser aplicados sempre que ocorrer uma falha devido a alguma inconsistência provocada em virtude de ameaças como incêndios, inundações, vandalismo, sabotagem ou falhas de tecnologia.

O passo prévio para a elaboração e implementação de um plano de recuperação de dados é a tomada de consciência da necessidade de adopção de tal estratégia. É fundamental que os gestores, sejam eles públicos ou privados, interpretem a gravidade de uma situação de desastre para as suas organizações ou empresas. A recuperação de dados na eventualidade de um desastre é a habilidade de recuperar as empresas, o mais competente e rapidamente possível, de um evento que impactou o funcionamento do seu centro de dados. Não importa a natureza ou tipificação do desastre, uma vez que os efeitos, no final, são sempre os mesmos.



Um bom plano de recuperação de desastre pode ser comparado a uma boa apólice de seguro de todos os dados de uma organização ou empresa.

UTILIZADORES

Equipamentos particulares mais usados nas empresas

Os profissionais actuais precisam frequentemente de algo mais do que os PC da empresa para o seu trabalho. Os dados da Forrester apontam para que os empregados gastem em média mais de 1000 dólares americanos do seu próprio bolso na compra de computadores que depois utilizam para fins profissionais.

Estes dados foram apurados com base num inquérito realizado junto de utilizadores dos Estados Unidos e da Europa. Apesar destes gastos pessoais, só 12 por cento das empresas encorajam essa atitude.

As restantes empresas desencorajam mesmo essa atitude e algumas chegam a penalizar os empregados por isso. Verifica-se assim um claro descontrolo entre aquilo que os empregados precisam e

aquilo que as empresas colocam à sua disposição.

São vários os factores que estão a contribuir para o aumento desta tendência de utilizar o computador pessoal e não o da empresa para fins profissionais, nomeadamente os que se seguem:

- O Windows XP já tem 11 anos, mas ainda está a ser utilizado em mais de 50 por cento dos desktops e laptops das empresas;

- A maior parte das ferramentas e das práticas que são utilizadas actualmente para gestão e segurança foram desenvolvidas no início da década de 2000;

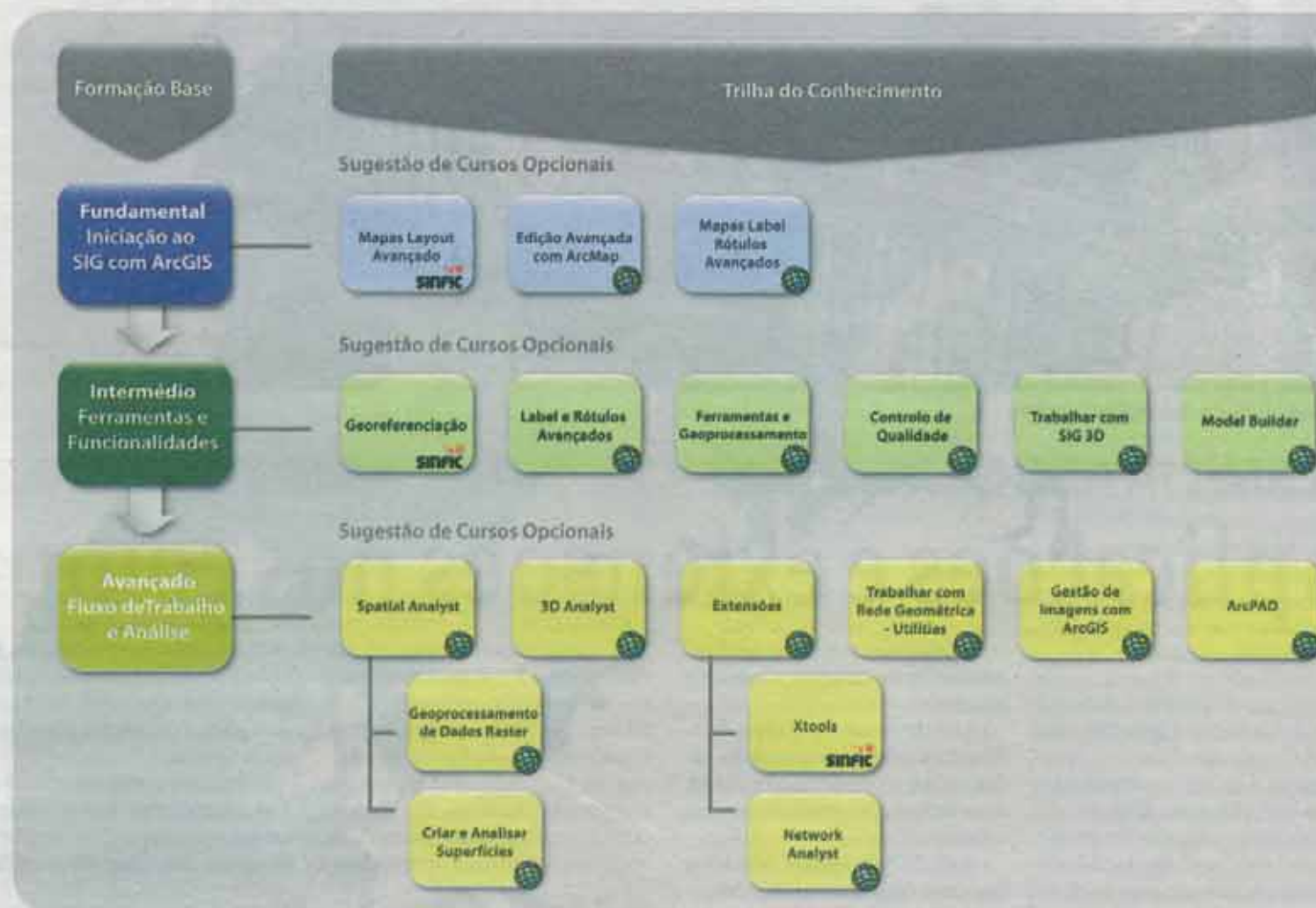
- Os PCs das empresas impedem novas formas de produtividade;

- Os agentes pesados monopolizam os recursos e afectam negativamente a produtividade.



Com a proliferação de equipamentos móveis, as empresas terão que se preocupar com os problemas de segurança, concentrando-se na protecção dos dados móveis, no controlo do acesso às suas redes, e na gestão dos equipamentos móveis.

Formação em ArcGIS



CICLOS DE FORMAÇÃO

Certificações



Cursos específicos para a Indústria de Petróleos



Rua Kwame Nkrumah
n.º 10 - 3º, Maianga
Luanda

Próximas Formações

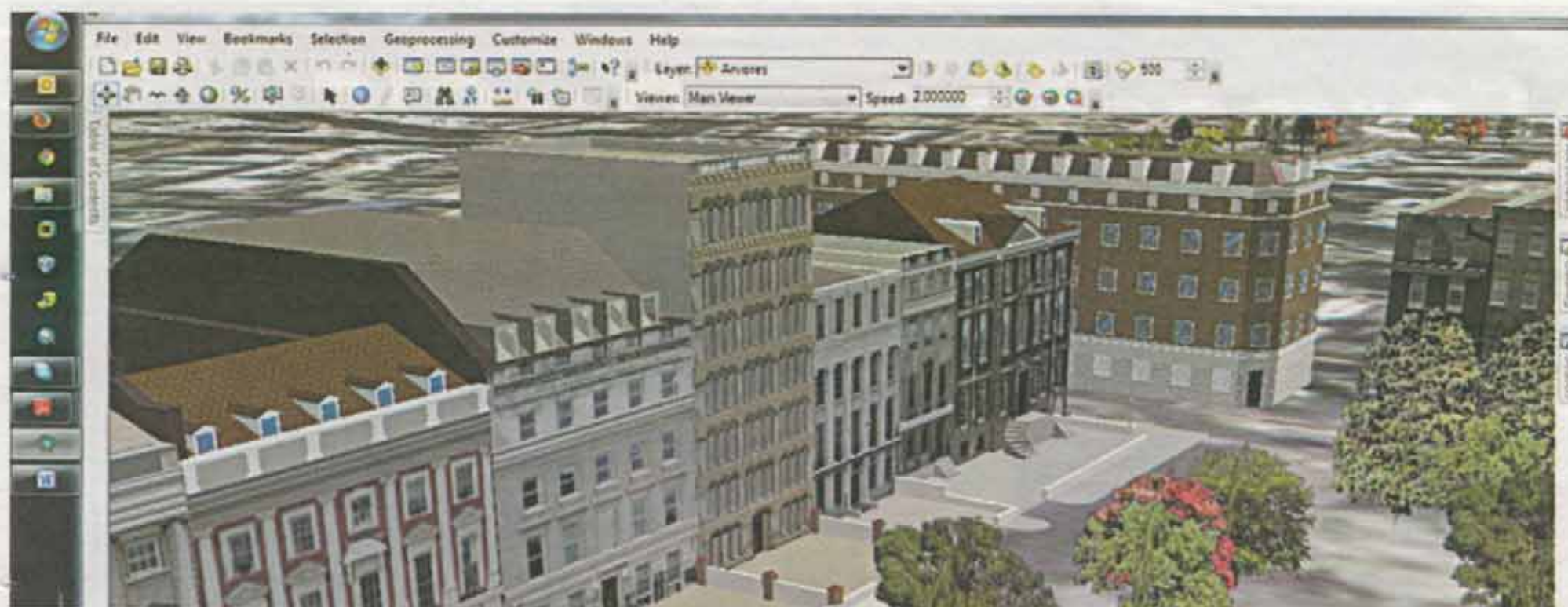
- ArcGIS Desktop - Intermédio
25 - 29 de Junho de 2012
- ArcGIS Desktop - Avançado
02 - 06 de Julho de 2012
- SIG para Petróleos & Gás E&P
Agosto de 2012

Faça já a sua INSCRIÇÃO

www.sinfic.com/sig

Inscrições através do email:
formacaoesri@sinfic.com

Ou ainda para:
+ 244 922 392 717



A aplicação ArcScene do ArcGIS para Desktop.

A FAMÍLIA ARCGIS

Aplicações e extensões nos computadores

JOSÉ MARTINS

No artigo publicado na edição de cinco de Junho do caderno Tecnologia & Gestão abordou-se a grande família ArcGIS, centrando-se na sua solução para desktop. O presente artigo pretende dar continuidade a essa solução e incluir as aplicações e extensões que podem ser acopladas à solução para Desktop do ArcGIS.

As extensões do ArcGIS para Desktop permitem capacitá-lo com um vasto leque de tarefas de geoprocessamento, análise tridimensional e publicação de mapas através de diversas extensões de análise. Estas extensões podem ser utilizadas em qualquer versão de licenciamento do ArcGIS para Desktop.

Apresentamos a seguir algumas das extensões do software ArcGIS para Desktop.

• ArcGIS 3D Analyst. Modelação e análise em ambiente 3D. Permite a análise dos dados numa perspectiva realista; habilita as interfaces do ArcScene e ArcGlobe.

• ArcGIS Geostatistical Analyst. Análise e modelação estatística avançada.

• ArcGIS Network Analyst. Modelação e análise avançada de redes, como áreas de proximidade, áreas de serviço, rotas de logística, entre outras.

• ArcGIS Schematics. Modelos de redes e diagramas avançados.

• ArcGIS Spatial Analyst. Modelação e análise raster avançada.

• ArcGIS Tracking Analyst. Apresenta e analisa os padrões e tendências dos dados utilizando a variável tempo.

• ArcGIS Data Interoperability. Elimina barreiras no uso e na distribuição dos dados.

• ArcScan for ArcGIS. Conjunto de ferramentas de fácil utilização para vectorização e conversão automática de dados raster.

• Maplex for ArcGIS. Auxilia na criação de mapas com mais qualidade, com textos e etiquetas posicionadas automaticamente.

Com algumas das extensões da família ArcGIS, nomeadamente a extensão 3D Analyst, é possível

habilitar-se duas aplicações do ArcGIS para Desktop: o ArcGlobe e o ArcScene. As aplicações ArcGlobe e ArcScene possibilitam a visualização e análise de superfícies em 3D, tendo sempre por base o contexto espacial dos dados, com a vantagem de inserirmos imagens, vectores e cartas topo-

gráficas numa perspectiva em 3D. Para além destas funcionalidades, permitem a criação de animações com planos de voo em 3D sobre os nossos dados.

O ArcGlobe é a nova geração de visualizadores da superfície terrestre em três dimensões, em forma de globo terrestre. Possibilita a

análise de todos os dados vectoriais e raster, permitindo criar perspectivas realistas da superfície terrestre em 3D.

Nos próximos artigos iremos abordar as soluções da família ArcGIS para Server e Mobile. Para mais informações pode aceder ao grupo "ArcGIS Angola" no Facebook.



A aplicação ArcScene do ArcGIS para Desktop.

Novidades da nova versão ArcGIS 10.1

EDUARDO HOFFMANN

A empresa norte americana Esri anunciou a nova versão 10.1 do sistema ArcGIS. O lançamento irá decorrer durante o encontro internacional EUE Esri User Conference 2012, que terá lugar em San Diego (Califórnia, EUA) no próximo mês de Julho.

Nesse evento serão demonstrados casos práticos e a aplicabilidade do novo sistema, que irá possibilitar aos utilizadores finais, mesmo aqueles que não têm muitos conhecimentos de sistemas de informação geográfica (GIS), a visualização de mapas e análises geoespaciais.

O sistema ArcGIS 10.1 integrará desktops e servidores, bem como aplicações móveis e na web.

A interface intuitiva permitirá que os utilizadores criem os seus mapas, modelos e análises em qualquer recurso de SIG para Desktop ou Web.

As novidades do ArcGIS 10.1 serão muitas, mas destacamos aqui apenas algumas:

• Disponibilização de novas ferramentas que simplificam todos os aspectos de trabalho, com grandes colecções de imagens e dados raster no ArcGIS;

• Publicação directa de mapas a partir do ArcGIS para Desktop;

• Legenda dinâmica no layout;

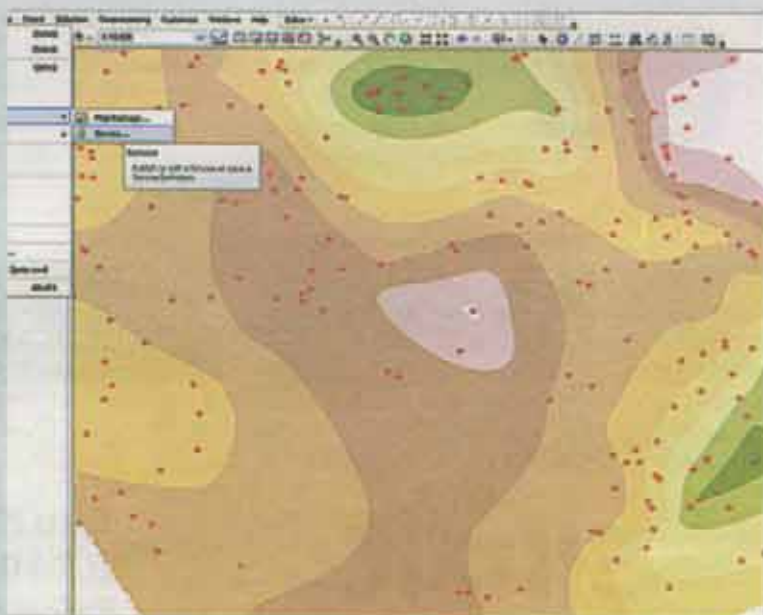
• Rótulos (labels) melhores e com novas funcionalidades;

• Nova ferramenta de GPS (GPX Features);

• Nova ferramenta de histórico de edições (Editing Tracking);

• Ferramenta para fotos geotagadas (Geotagged Photos).

São muitas as novidades com que poderemos contar a partir deste semestre na nova versão ArcGIS. O lançamento em Angola está previsto para Novembro, no evento EUE Angola 2012 – Encontro de Utilizadores Esri em Angola, a ser realizado em Luanda. Para mais informações sobre o evento visualize a página do EUE Angola no Facebook.



A nova versão ArcGIS 10.1 será lançada em Angola em Novembro, no evento EUE Angola 2012 – Encontro de Utilizadores Esri em Angola, a ser realizado em Luanda.

INFOEXCLUSÃO E INFOINCLUSÃO

A largura de banda e o desenvolvimento da economia digital

As velocidades da banda larga estão a aumentar, mas existem grandes disparidades entre os diferentes países. O que está em causa é o acesso a bens e serviços digitais cada vez mais ricos. Os analistas da Ovum defendem assim o apoio à indústria das telecomunicações. É verdade que existe espaço para a diversidade em termos de serviços e tarifas de banda larga, mas a infoexclusão passa cada vez mais pelo aumento da largura de banda e pela garantia de que toda a gente tem acesso à mesma. A largura de banda que é disponibilizada tem um impacto cada vez maior

no desenvolvimento das sociedades modernas e a infoexclusão está actualmente no cerne de muitos problemas de desenvolvimento. Como tal, não se pode planejar a disponibilização de serviços de banda larga apenas em grandes centros populacionais, onde é maior a rentabilização do investimento em infra-estruturas de telecomunicações. Mesmo que seja necessário recorrer à subsídio pública, as comunidades rurais e suburbanas também precisam de ser servidas, sob pena de termos num mesmo país populações infoexcluídas e populações infoexcluídas.



A largura de banda (fixa e móvel) que é disponibilizada tem um impacto cada vez maior no desenvolvimento das sociedades modernas e a infoexclusão está actualmente no cerne de muitos problemas de desenvolvimento.

Consumo informático aumenta rapidamente

O mais recente VNI (Visual Networking Index) da Cisco mostra, sem surpresa, que existe uma tendência para o aumento do tráfego IP, dos equipamentos conectados e dos conteúdos sob a forma de vídeo. O VNI da Cisco prevê o desenvolvimento global do tráfego IP em infra-estruturas fixas e móveis, e nos segmentos empresarial e do grande consumo.

A Cisco prevê que o tráfego IP aumente dez vezes entre 2008 e 2016, o que equivale à transmissão de 38 milhões de DVDs por hora.

O impacto no consumo dos indivíduos é claro, com a Cisco a prever que o tráfego Internet médio nos lares das famílias vai aumentar de 26,2 GB (gigabytes) por mês em 2011 para 83,7 GB por mês em 2016. Ao mesmo tempo vai-se assistir ao aumento da largura de

banda, com 74 por cento do total das conexões de banda larga a disponibilizarem cinco Mbps (megabits por segundo) em 2016 e três por cento a disponibilizarem 100 Mbps. Estes valores referem-se a médias globais (do mundo inteiro). O problema está quando se analisam as situações a nível regional, nacionais e local.

O grande desafio para os governos e operadores é garantir o acesso à banda larga a toda a gente.

Alguns governos já estabeleceram que o mínimo a disponibilizar seria dois Mbps, mas em muitos locais as velocidades de acesso disponibilizadas permitem pouco mais do que a troca de mensagens via correio electrónico.

A partilha de ficheiros já é dificultada quando estes são mais pesados.

Velocidade e desenvolvimento social

Ouro aspecto a ter em conta é o aumento da diferença entre as áreas rurais e as áreas urbanas.

Enquanto muitas zonas rurais, quando têm cobertura, estão abaixo de um Mbps, existem áreas urbanas próximas com 100 Mbps, provocando uma enorme segregação social e exclusão no acesso ao mundo digital. E não se pense que esta é uma realidade africana.

A Ovum cita dois países europeus, referindo que na Bélgica 22 por cento dos lares eram servidos por uma largura de banda entre 10 Mbps e 30 Mbps em finais de 2011, mas 18 por cento tinham menos de dois Mbps. Na Suíça as percentagens eram idênticas.

Na Suécia a realidade era melhor, com seis por cento dos lares e empresas a dispor de pelo menos 100 Mbps e apenas cinco por cento a estarem abaixo de

dois Mbps. Não se trata aqui apenas de acesso a maior ou menor velocidade de acesso.

O que está em jogo é o desenvolvimento das próximas gerações. Para termos uma ideia das diferenças de oportunidades, a



Cisco refere que alguém que tenha um acesso de cinco Mbps demora 41 minutos a importar um vídeo HD (alta definição), mas se tiver um acesso de 10 Mbps já só demora 20 minutos a importar o mesmo vídeo se tiver uma ligação de 100 Mbps esse tempo cai para apenas três minutos.

O aumento do consumo e de partilha de conteúdos e informação digital é um indicador chave para o desenvolvimento das sociedades modernas, pelo que se afigura crítico aumentar a largura de banda dos acessos à Internet.

Não é por acaso que os países mais desenvolvidos têm melhores ligações.

Já perceberam que o acesso ao mundo digital determinará o desenvolvimento futuro das suas sociedades e promoverá toda uma panóplia de indústrias digitais.

Cinco formas de garantir o investimento em tecnologias de informação

Quase todas as empresas procuram reduzir os gastos operacionais e aumentar o investimento em TI (tecnologias de informação). No entanto, nem todas conseguem esse objectivo e quando se gasta muito em actividades operacionais resta menos dinheiro para investir.

Mas se não investirem em tecnologia nova, as empresas também terão mais dificuldade em reduzir e otimizar os seus gastos operacionais. Entram assim num ciclo vicioso de custos indiscriminados que resultam em menos investimento, falta de competitividade, serviço aos clientes de menor qualidade e diminuição das receitas.

As empresas têm assim que interromper este tipo de espiral de declínio. Nesse sentido, a Gartner identificou cinco formas de garantir o investimento em TI.

1. Diagnostique os desafios que enfrenta o investimento na sua organização e melhore a

forma como é gerido.

O custo da implementação de um novo projecto e os gastos operacionais posteriores derivados do mesmo são frequentemente tratados de forma separada. É imperativo ligar os projectos aos gastos operacionais que resultam deles.

Desta forma, se o aumento dos custos operacionais resultantes de novos projectos não for sustentável, acabará por consumir todo o orçamento de TI e reduzir os recursos para novos investimentos, conduzindo à espiral de declínio referida atrás.

2. Mantenha um registo das surpresas desagradáveis que a sua organização já teve no que se refere à gestão dos orçamentos. Depois planeie formas de evitar surpresas desagradáveis semelhantes no futuro.

Os custos escondidos podem ser os mais perigosos. Em muitas organizações, particularmente na Europa, Médio Oriente e África, é actualmente obrigatório prever

os custos operacionais futuros nos planos dos projectos. No entanto, quando se trata de planejar costuma existir excesso de optimismo.

Alguns dos erros cometidos quando se planeia costumam ser a subestimação dos custos de suporte, uma vez que um novo serviço nunca foi gerido anteriormente; a dependência de um único fornecedor, que poderá conduzir posteriormente ao aumento dos custos; e o fracasso em antever as mudanças na procura.

3. Crie uma única forma de visualizar o portfólio dos activos, dos serviços e dos gastos do projecto.

Ligue a gestão dos projectos e dos gastos operacionais e não admita separações entre estas duas vertentes. Uma forma de conseguir isto pode ser exigir que os gestores do serviço e os gestores do projecto trabalhem em conjunto para conseguirem as aprovações necessárias. Desta forma

assegura-se que os novos gastos operacionais sejam identificados através da análise do custo total do projecto. Também é importante criar um processo que identifique novos gastos operacionais resultantes dos projectos.

4. Planeie os ciclos de vida dos activos e dos serviços para identificar as alturas em que é necessário investimento.

Os novos projectos e os activos e serviços que criam são vistos frequentemente como muito valiosos para as organizações.

No entanto, esse valor tende a depreciar-se e este processo não pára quando o valor chega a zero, uma vez que os activos e serviços de TI custam dinheiro para suportar, manter e retirar do activo.

Por exemplo, muitos activos ou serviços de TI contêm dados que têm de permanecer legíveis para fins legais. Consequentemente, quer se decida substituí-los, actualizá-los ou descontinuí-los, isso poderá envolver custos es-

condidos que vão consumir o orçamento de TI. Um bom planeamento do ciclo de vida permitirá que o dinheiro disponível seja utilizado para novos investimentos e não para lidar com o "lixo".

5. Planeie o sucesso dos projectos.

Normalmente espera-se que os projectos disponibilizem "mais com menos", acabando muitas vezes por registar aumentos exponenciais em termos de capacidade de processamento.

Muitas vezes será melhor pensar em disponibilizar "menos com menos" se o objectivo for continuar a reduzir os gastos com TI.

O sucesso de um projecto pode ter como efeito um aumento da procura. Consequentemente é tão importante gerir a procura de um serviço ou activo como gerir o próprio projecto.

Caso contrário, as eficiências e as poupanças podem esfumar-se e colocar em risco o financiamento para projectos futuros.

uatenus

WORLDWIDE INTELLIGENT LOCATION

POWERED BY
SINFIC

LOCALIZAÇÃO DE VIATURAS
EM TEMPO REAL.

GESTÃO DE FROTA COMPLETA.



FLEET
EDITION

YOU ARE IN CONTROL OF YOUR FLEET

Contacte-nos!

→ ANGOLA@QUATENUS.CO.AO

→ 925 245 916

→ 914 399 492